

Inteligibilidade ou homogeneidade linguística entre cinyungwe, cinyanja e cisená: uma análise sincrónica

Amarildo Roberto Luís António *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-5612-4992>

Rufino Alfredo **

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0001-0073-494X>

Resumo

A presente pesquisa analisou o grau de homogeneidade e inteligibilidade mútua entre Cinyungwe, Cinyanja e Cisená no contexto urbano da Cidade de Tete. O estudo surgiu da necessidade de compreender se a proximidade entre estas línguas bantu é meramente superficial ou se assenta numa homogeneidade estrutural profunda que facilite a comunicação interdialeto. Para o efeito, o estudo traçou como objectivos específicos: i) identificar as características comuns entre as línguas envolvidas no estudo (Cinyungwe, Cinyanja e Cisená); ii) descrever as propriedades distintivas entre Cinyungwe, Cinyanja e Cisená; e iii) explicar os contextos convergentes que determinam a inteligibilidade ou homogeneidade linguística entre Cinyungwe, Cinyanja e Cisená. Sob a fundamentação teórica da Sociolinguística Variacionista e da Sincronia, adoptou-se uma metodologia de natureza mista, combinando a análise quantitativa de itens lexicais com a análise qualitativa a partir de inquéritos e testes linguísticos (produção provocada, a título de exemplo), aplicados a uma amostra de 30 informantes entre jovens, adultos e idosos. Os resultados demonstraram uma elevada similaridade morfossintáctica (superior a 80%), embora a inteligibilidade lexical seja assimétrica e influenciada pelo prestígio do Cinyungwe na região. Concluiu-se que está em curso um processo de koineização na Cidade de Tete, caracterizado pelo surgimento de uma norma urbana híbrida que funde as variantes locais e integra empréstimos do Português, garantindo a vitalidade linguística através da acomodação e do hibridismo funcional.

Palavras-chave: Inteligibilidade Mútua; Homogeneidade Linguística; Análise Sincrónica; Línguas Bantu

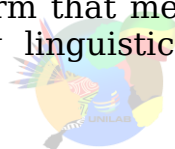
* Licenciado em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Púnguè
E-mail: amarildoroberto1@gmail.com

** Doutor em Ciências da Linguagem – Variante de Linguística, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2021. É Mestre em Linguística Geral e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2015). Licenciado em Ensino de Português, pela Delegação do Niassa da Universidade Pedagógica de Moçambique, em 2011. É Bacharel em Ensino de Português, pela Delegação do Niassa da Universidade Pedagógica de Moçambique (2009) Assistente Universitário da Universidade Púnguè – Moçambique. E-mail: rufino.alfredo@unipungue.ac.mz

Intelligibility or linguistic homogeneity among Cinyungwe, Cinyanja, and Cisená: a synchronic analysis

ABSTRACT

This research analyzed the degree of similarity and mutual intelligibility between Cinyungwe, Cinyanja, and Cisená in the urban context of Tete City. The study arose from the need to understand whether the proximity between these Bantu languages is merely superficial or based on a deep structural homogeneity that facilitates interdialectal communication. To this end, the study established the following specific objectives: i) to identify the common features among the languages involved in the study (Cinyungwe, Cinyanja, and Cisená); ii) to describe the distinctive properties between Cinyungwe, Cinyanja, and Cisená; and iii) to explain the convergent contexts that determine the linguistic intelligibility or homogeneity among Cinyungwe, Cinyanja, and Cisená. Under the theoretical framework of Variationist Sociolinguistics and Synchrony, a mixed-methodology was adopted, combining quantitative analysis of lexical items with qualitative analysis of surveys and elicited production tests applied to a sample of 30 informants including youth, adults, and the elderly. The results demonstrate high morphosyntactic similarity (above 80%), although lexical intelligibility is asymmetrical and influenced by the prestige of Cinyungwe in the region. The study concludes that a process of koineization is underway in Tete City, characterized by the emergence of a hybrid urban norm that merges local variants and integrates Portuguese loanwords, ensuring linguistic vitality through accommodation and functional hybridism.



KEYWORDS:

Mutual Intelligibility; Linguistic Homogeneity; Synchronic Analysis; Bantu Languages.

RÉSUMÉ

Cette recherche analyse le degré d'homogénéité et d'intercompréhension entre le cinyungwe, le cinyanja et le cisená dans le contexte urbain de la ville de Tete. L'étude est née de la nécessité de comprendre si la proximité entre ces langues bantoues est superficielle ou si elle repose sur une homogénéité structurelle profonde facilitant la communication interdialectale. À cette fin, l'étude s'est fixée les objectifs spécifiques suivants : i) identifier les caractéristiques communes aux langues étudiées (cinyungwe, cinyanja et cisená) ; ii) décrire les propriétés distinctives du cinyungwe, du cinyanja et du cisená ; et iii) expliquer les contextes de convergence qui déterminent l'intercompréhension linguistique ou l'homogénéité entre le cinyungwe, le cinyanja et le cisená. S'appuyant sur le cadre théorique de la sociolinguistique variationniste et de la synchronie, une méthodologie mixte a été adoptée, combinant l'analyse quantitative du lexique à une analyse qualitative basée sur des enquêtes et des tests linguistiques (tels que la production induite), appliquées à un échantillon de 30 informateurs parmi les jeunes, les adultes et les personnes âgées. Les résultats ont démontré une forte similarité morphosyntaxique (supérieure à 80 %), bien que l'intelligibilité lexicale soit asymétrique et influencée par le

prestige du cinyungwe dans la région. Il a été conclu qu'un processus de koinéisation est en cours dans la ville de Tete, caractérisé par l'émergence d'une norme urbaine hybride qui fusionne les variantes locales et intègre des emprunts au portugais, assurant ainsi la vitalité linguistique par l'accommodation et l'hybridité fonctionnelle.

MOTS-CLÉS

Intelligibilité mutuelle ; Homogénéité linguistique ; Analyse synchronique ; Langues bantoues

I. Introdução

A proximidade geográfica das comunidades falantes de Cinyungwe, Cinyanja e Cisená na cidade de Tete, Moçambique, sugere um elevado grau de inteligibilidade e homogeneidade estrutural entre elas. Contudo, fundamentado na Sociolinguística Variacionista de William Labov, este estudo parte da premissa de que a variação linguística é a norma, sendo ordenada por factores sociais. Sob uma perspectiva sincrónica¹, a pesquisa analisa em que medida essas variantes são estruturalmente homogêneas e mutuamente inteligíveis, identificando as suas características comuns, propriedades distintivas e contextos de convergência.

A cidade de Tete constitui um centro urbano de convergência social e comercial, onde a coabitação de falantes permite observar o fenómeno de contacto e variação linguística em tempo real. Diante desse cenário, surge a seguinte questão de pesquisa: Até que ponto a proximidade estrutural entre Cinyungwe, Cinyanja e Cisená garante a inteligibilidade mútua percebida pelos falantes no contexto urbano de Tete?

A presente pesquisa insere-se nos campos da Sociolinguística e da Linguística Comparada. O estudo procurou igualmente traçar uma abordagem de conceitos ligados à dialectologia e contacto linguístico urbano. A recolha de dados ocorreu entre setembro de 2025 e fevereiro de 2026. Ao mapear as semelhanças e divergências entre as três línguas, a investigação traz contribuições para a literatura sobre as línguas bantu de Moçambique,

¹ Na linguística saussuriana, a análise sincrónica foca-se no estudo do estado de uma língua num determinado momento no tempo — estático e contemporâneo —, abstraindo as suas transformações históricas (diacronia). Esta abordagem permite descrever as relações estruturais e a variação em uso efectivo no ambiente urbano actual (Saussure, 2006; Faria et al, 996).

oferecendo subsídios para a padronização ortográfica e para as políticas linguísticas no país.

II. Revisão da Literatura

Crystal (2008, p. 319) define inteligibilidade mútua como “a capacidade das pessoas de se compreenderem mutuamente”. É um conceito gradiente, podendo variar de inteligibilidade alta a parcial ou baixa. A inteligibilidade pode ser assimétrica, onde um falante compreende o outro melhor do que é compreendido e simétrica onde ambos conseguem compreender o outro na mesma proporção (Chambers e Trudgill, 2004).

A inteligibilidade está directamente relacionada à homogeneidade estrutural, ou seja, à uniformidade ou similaridade dentro de uma língua ou entre línguas relacionadas. Para Saussure (2006), “a **Língua** é concebida como um **sistema homogêneo**” e **isso acontece** quando suas variedades apresentam poucas diferenças significativas, permitindo a comunicação sem grandes dificuldades. Cunha e Cintra (2005) demonstra, por exemplo, a busca por uma norma homogênea no português culto, embora reconheça as variações regionais. O mesmo acontece com as línguas moçambicanas no *Relatório do IV Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas* de Ngunga et al (2021)².

A homogeneidade estrutural embora seja um conceito central, a língua não é um sistema uniforme. A Sociolinguística Variacionista, com William Labov como figura principal, demonstrou que a língua é intrinsecamente heterogênea, com variações que coexistem num mesmo momento. Ao contrário das abordagens estruturalistas que focavam na “língua” como um sistema abstrato e ideal (Saussure, 2006), Labov, em obras como *Sociolinguistic Patterns* (1972) e *Padrões Sociolinguísticos* (2008), defende que a variação não é aleatória, mas sim organizada e sistemática. Essa ordem é o objecto de estudo da Linguística Variacionista, que busca identificar os factores sociais (classe, idade, gênero) e os factores linguísticos (o contexto fonológico ou sintático) que condicionam o uso de uma variante.

² Os Seminários sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, organizados periodicamente pelo Centro de Estudos Africanos (CEA) e pelo Núcleo de Estudo de Línguas Moçambicanas (NELIMO) da Universidade Eduardo Mondlane, visam estabelecer normas ortográficas unificadas e sistemáticas para a escrita das línguas bantu do país.

A variação linguística manifesta-se em três níveis fundamentais: a **Lexical**, que envolve a divergência, perda ou substituição de palavras para um mesmo referente (sinonímia inter-varietal), bem como o surgimento de neologismos e empréstimos; a **Gramatical**, que abrange as mudanças na estrutura morfossintática da língua, como nas marcas e prefixos de concordância nominal; e a **Fonológica**, que diz respeito às alterações e correspondências sistemáticas de sons e à pronúncia. Nas línguas bantu, a reconstrução fonológica é um método essencial para identificar variações sonoras sistemáticas que ocorreram desde uma protolíngua (Ngunga, 2014)³.

Ngunga (2014), destaca que a organização do léxico da língua bantu é baseada em grupos de palavras com características semelhantes, as quais variam entre 19 e 21, dependendo da língua. Este sistema não se restringe apenas à morfologia nominal, mas também influencia a concordância em toda a frase.

As línguas Nyungwe, Nyanja e Sena, faladas em Moçambique, particularmente na província de Tete, e em regiões adjacentes da África Austral, são classificadas como línguas bantu, partilhando características tipológicas centrais, como o sistema de classes nominais (Bleek citado por Ngunga, 2014, p. 29).

A classificação de Doke (1945), citada por Ngunga (2014), baseia-se na proximidade geográfica⁴ e em semelhanças fonológicas e lexicais, organizando as línguas em hierarquias que vão da Zona até a língua ou dialecto específico. O seu sistema reconhece sete zonas principais e quatro subsidiárias, que são: **Zonas Principais:** Zona 10: Norte-Oeste; Zona 20: Norte; Zona 30: Congo; Zona 40: Central; Zona 50: Oriental; Zona 60: Sul-Este; e Zona 70: Ocidental; **Zonas Subsidiárias:** Zona 51: Norte-Este; Zona 52: Este-Central; Zona 61: Sul-Central; e Zona 71: Ocidente-Oriental. Segundo Doke, as línguas Nyungwe, Nyanja e Sena estão localizadas na Zona 52 (Este-Central), no grupo 3 (Ocidental). Dentro deste grupo, podemos encontrar o Cinyanja (código 52/3/1) e Cisena (52/3/3). Na visão de Doke, o Cinyungwe é

³ Protolíngua refere-se ao ancestral comum hipotético e não documentado por escrito (neste contexto, o Proto-Bantu) a partir do qual as línguas de uma mesma família se diversificaram ao longo do tempo por processos de mudança fonética e morfológica.

⁴ A proposta de Doke (1945) organiza as línguas bantu com base em critérios de contiguidade geográfica e semelhanças fonético-lexicais regionais, sendo fundamental para compreender a proximidade prática e a inteligibilidade espacial entre comunidades vizinhas.

considerado um dialecto do Cisena, recebendo o código 52/3/3a. A teoria de Doke revela, portanto, que Cisena e Cinyungwe possuem maior grau de inteligibilidade em detrimento da língua Nyanja, mesmo que não estejam em contacto.

Ao contrário de Doke (1945), Guthrie (1967-1971) focou a sua abordagem em critérios genéticos⁵, procurando estabelecer relações de parentesco entre as línguas por meio da reconstrução de uma proto-língua. O seu sistema é hierárquico, utilizando códigos alfanuméricos para indicar a zona, o grupo e a língua individual. Na sua classificação, Guthrie agrupa as línguas em 15 zonas que são: A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S. Elas representam vastas áreas geográficas e linguísticas. Dentro de cada zona, as línguas são identificadas por um código numérico. Este, associado à letra da zona, permite uma classificação hierárquica. As línguas de um mesmo grupo são diferenciadas por numeração sequencial. Os dialectos não recebem códigos separados na mesma hierarquia, mas sim são tratados como variantes de uma mesma língua. Segundo o sistema de Guthrie, as línguas Nyungwe, Nyanja e Sena estão localizadas na Zona N, que abrange os grupos linguísticos que vão do N30 (Cewa-Nyanja) ao N40 (Nsenga-Sena). No grupo N30, encontra-se o Cinyanja (N31a); No grupo N40, encontram-se Cinyungwe (N43) e Cisena (N44). Assim como de Doke, a visão de Guthrie revela inteligibilidade mútua entre Cisena e Cinyungwe do que estas línguas com o Cinyanja, entretanto, segundo a sua classificação, o Cinyungwe não é um dialecto de Cisena como classifica Doke.

A inteligibilidade mútua é condicionada por quatro factores interligados: a **Proximidade Genética**, que determina a quantidade de vocabulário e estruturas partilhadas; o **Contacto Linguístico**, que impulsiona a convergência (por empréstimos e calques) ou a divergência para afirmação identitária (Weinreich, 1953); as **Mudanças Linguísticas**, cujos padrões divergentes ao longo do tempo afectam a compreensão recíproca (Faria et al., 1996); e os **Factores Sociolinguísticos**, como o prestígio social, atitudes dos

⁵ A classificação de Guthrie (1967-1971) utiliza o método histórico-comparativo para estabelecer relações de parentesco genético a partir da reconstrução do Proto-Bantu. Ao atribuir códigos alfanuméricos às zonas e grupos (ex.: Zona N), Guthrie permitiu mapear a filiação linguística para além das fronteiras geográficas imediatas, tornando-se a referência padrão na linguística bantu internacional.

falantes, frequência de contacto, faixa etária e contexto de uso, que moldam a percepção e a prática da inteligibilidade (Faria et al., 1996; Mateus et al., 2003).

III. Metodologias

O estudo caracterizou-se como sincrónico e variacionista, com foco na inteligibilidade ou homogeneidade linguística, visando aprofundar o conhecimento teórico sobre a inteligibilidade mútua e a homogeneidade entre as línguas bantu. A pesquisa descreveu as semelhanças e diferenças fonológicas e lexicais, explorando a percepção da inteligibilidade mútua pelos falantes na Cidade de Tete, utilizou uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos (Creswell, 2010). A análise quantitativa foi aplicada na comparação de listas de vocabulário e na medição da frequência de semelhanças lexicais através da lexicostatística. A análise qualitativa foi utilizada na interpretação das entrevistas e na compreensão do contexto de uso das línguas, focando-se nas percepções e comportamentos linguísticos dos participantes. Embora o trabalho reconheça a importância da proximidade genética e da influência da distribuição geográfica na génese destas variantes, a investigação deu primazia à convivência linguística e ao contacto no espaço urbano da cidade de Tete.

Para a recolha de dados, foram utilizados dois instrumentos principais: *entrevistas semi-estruturadas*: aplicadas para explorar em profundidade as percepções dos falantes sobre a inteligibilidade, a história do contacto linguístico e as mudanças percebidas nas suas línguas e *inquéritos por questionários*: submetidos aos falantes nativos das três línguas (L1), que constituem o objecto desta pesquisa, com o objectivo de recolher dados demográficos dos participantes e informações padronizadas sobre a frequência de contacto e a auto-percepção da inteligibilidade mútua. Este último divide-se em Inquérito Sociolinguístico e Tarefa de Produção Provocada⁶.

⁶ A Tarefa de Produção Provocada contempla 150 itens lexicais incluindo vocabulário básico de estabilidade (substantivos, verbos de acção quotidiana e adjectivos descritivos), fundamentada no modelo lexicoestatístico de Swadesh (1952), acrescida de 10 frases simples concebidas para analisar construções morfossintáticas, estruturas de concordância nominal e marcas de tempo/aspecto verbal no uso real das variantes.

No processo da recolha de dados, foi solicitado a cada falante que diga o significado das palavras na sua língua nativa e a sua tradução para as outras línguas em estudo. Também foram apresentadas frases simples que observam vários tipos de conjugações básicas, para uma análise detalhada da morfologia verbal das três línguas. As falas foram gravadas usando um gravador para observação fonológica. Com base nos dados recolhidos, foram seleccionadas as palavras que revelaram algo significativo sobre as línguas, focando-se em três tipos de palavras:

(i) As palavras com alta percentagem de acertos: mostram uma alta inteligibilidade entre as línguas, ou seja, são palavras que todos os falantes conhecem.

(ii) As palavras com alta percentagem de variação: revelam uma falta de inteligibilidade. Por exemplo, uma palavra que foi traduzida de 10 formas diferentes.

(iii) Casos de estudo: palavras que demonstrem fenómenos linguísticos específicos, como uma palavra em que a tradução mostra uma interferência fonológica (sotaque de uma língua a influenciar a outra) e uma palavra que mostra um empréstimo do Português.

A selecção das palavras não foi aleatória, mas obedeceu a um rigoroso critério de validade, alinhado com o **Princípio da Estabilidade Lexical** da Lexicoestatística (Swadesh, 1952). As frases foram estrategicamente elaboradas para testar os seguintes elementos do **vocabulário básico estável**, essenciais na gramática bantu e cruciais para a comunicação diária:

a) Pronomes Pessoais Nucleares: Frases como “Ele comeu” e “Nós conversamos muito” focam nos pronomes de primeira e terceira pessoa, elementos extremamente estáveis na estrutura morfológica.

b) Raízes Verbais de Acção Básica: Foram seleccionados verbos que expressam acções universais e quotidianas (“comer”, “conversar”, “ir”), os quais, por serem nucleares, revelam o cognato mais fundamental.

c) Marcas Morfológicas e Sintáticas: As frases testam aspecto, tempo (Passado Comum, Presente) e número (singular e plural), demonstrando se as diferenças morfológicas são variações fonológicas menores ou divergências estruturais que quebram a inteligibilidade.

O universo da pesquisa compreende os falantes **de Cinyungwe, Cinyanja e Cisena que residem na cidade de Tete ou regiões vizinhas, que por alguma razão de trabalho, comércio, frequentam a cidade de Tete e suas áreas adjacentes**. A amostra é composta por 30 informantes, selecionados de forma não probabilística por conveniência. Para permitir uma análise em tempo aparente, a amostra foi estratificada em três grupos etários: jovens, adultos e idosos, com idades compreendidas entre os 19 e os 76 anos.

Os participantes directos da pesquisa são falantes das três línguas envolvidas, escolhidos para representar diferentes níveis de exposição ao contacto. São indivíduos que possuem conhecimento da sua língua materna sujeitos a diferentes níveis de exposição ao contacto com as outras línguas em estudo. A capacidade de reflexão sobre a própria língua e a interação com as outras línguas em estudo constituíram os critérios de selecção essenciais.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a técnica de triangulação, cruzando os resultados estatísticos com as percepções qualitativas.

Para identificar as características comuns e propriedades distintivas, utilizou-se a Linguística Comparativa. Calculou-se a percentagem de cognatos partilhados entre os pares de línguas (Cinyungwe-Cinyanja, Cinyungwe-Cisena, Cinyanja-Cisena).

Para a interpretação dos resultados quantitativos, adoptou-se a escala proposta por Casad (1987)⁷, que estabelece os seguintes limiares de inteligibilidade:

(a) **Inteligibilidade Alta (80% - 100%):** Indica homogeneidade linguística ou variantes muito próximas, onde a comunicação flui sem barreiras.

(b) **Inteligibilidade Parcial (60% - 79%):** Indica que a compreensão é funcional mas limitada, exigindo esforço de acomodação linguística.

(c) **Inteligibilidade Baixa (abaixo de 60%):** Indica que as variantes são distintas ao ponto de dificultar a comunicação sem aprendizagem prévia.

Para a determinação do índice de similaridade e do grau de inteligibilidade entre as línguas (Cinyungwe, Cinyanja e Cisena), utilizou-se

⁷ Os parâmetros de avaliação propostos por Casad (1987) foram desenvolvidos no âmbito da dialetologia quantitativa do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), sendo amplamente aplicados para medir a compreensão recíproca em contínuos dialetais e comunidades sociolinguísticas complexas.

uma abordagem quantitativa baseada na atribuic3o de pesos aos itens lexicais e gramaticais comparados. O crit3rio de pondera3o obedece 3 seguinte escala de similaridade:

1) **Peso 1,00 (Similaridade Total):** Atribuido quando os termos s3o id3nticos nas variantes comparadas.

2) **Peso 0,75 (Similaridade Parcial - Diverg3ncia Fon3tica ou Ortogr3fica):** Atribuido quando ocorrem pequenas varia33es na pron3ncia ou na grafia, mantendo-se a mesma raiz lexical.

3) **Peso 0,50 (Similaridade Parcial - Diverg3ncia Morfol3gica):** Atribuido quando as palavras apresentam afixos, extens3es ou categorias gramaticais distintas, embora partilhem o mesmo campo sem3ntico.

4) **Peso 0,00 (Diverg3ncia Total):** Atribuido quando os lexemas s3o totalmente distintos entre as variantes.

A percentagem de similaridade apresentada resulta da m3dia das pontua33es atribuidas aos itens de cada amostra, calculada atrav3s da seguinte f3rmula:

$$\text{Percentagem de Similaridade} = (\sum \text{Pesos atribuidos} / N) \times 100$$

Em que:

- $\sum$ Pesos Atribuidos 3 a soma dos valores quantitativos atribuidos a cada item.
- N representa o n3mero total de itens analisados.

Esta metodologia permite traduzir numericamente o grau de homogeneidade ling3stica, permitindo a sua posterior classifica3o segundo os patamares de inteligibilidade de Casad (1987).

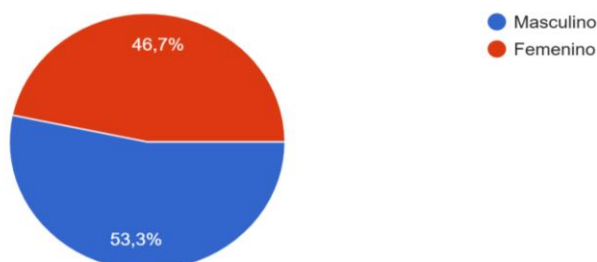
Aplicaram-se os princ3pios da Sociolingu3stica Variacionista para explicar os contextos convergentes. A an3lise focou em como factores sociolingu3sticos (contexto urbano, frequ3ncia de contacto e prest3gio do Cinyungwe) influenciam a *koineiza3o* e a converg3ncia ling3stica observada nas amostras de fala.

IV. Resultados e discuss3o

A amostra revelou que os falantes mais jovens (19-35 anos) apresentam uma maior permeabilidade ao hibridismo com o Portugu3s e Ingl3s, enquanto os falantes seniores mant3m uma estrutura lexical mais conservadora nas

suas línguas maternas. Esta estratificação etária é um indicador de como a inteligibilidade mútua pode ser afectada pela inovação linguística geracional.

Gráfico 1 - Género dos Informantes

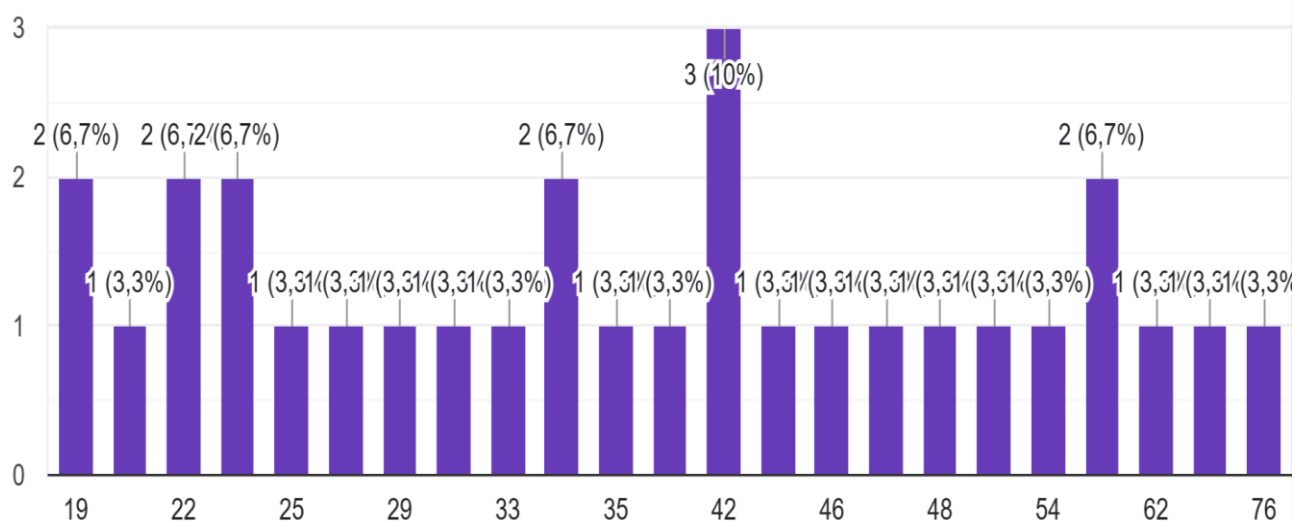


Fonte: Autores (2026)

O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos informantes segundo a variável género. Os dados revelam que 53,3% dos informantes são do sexo masculino, enquanto 46,7% são do sexo feminino. Verifica-se, portanto, uma ligeira predominância de participantes do sexo masculino, correspondente a uma diferença de 6,6 pontos percentuais em relação ao sexo feminino.

Apesar dessa diferença, a distribuição dos informantes apresenta-se relativamente equilibrada, uma vez que ambos os grupos possuem uma representação significativa na amostra. Este equilíbrio permite considerar a variável género nas análises subsequentes, possibilitando a identificação de eventuais diferenças ou semelhanças no comportamento linguístico dos informantes em função desta variável sociolinguística.

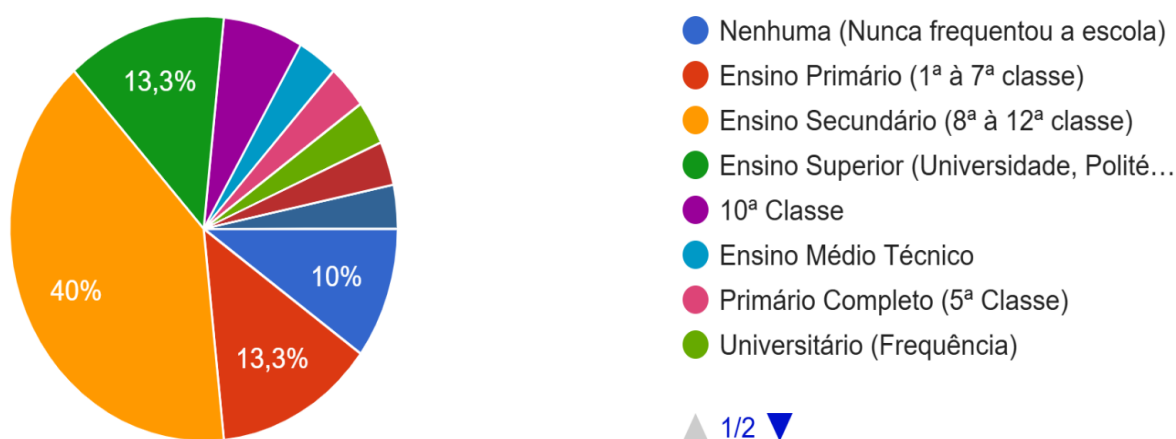
Gráfico 2 - Estratificação Etária dos Informantes



Fonte: Autores (2026)

Relativamente ao gráfico 2, nota-se que **40% dos inquiridos possuem a 12ª Classe**. Esta escolarização, feita quase exclusivamente em Língua Portuguesa, justifica a insegurança ortográfica detectada nas tarefas de tradução. O domínio das línguas bantu em Tete permanece maioritariamente na esfera da oralidade. Como Labov (2001) sugere, a pressão da língua oficial (Português) em contextos formais de ensino cria uma lacuna na literacia das línguas bantu, onde o falante domina o código oral mas hesita perante a representação gráfica.

Gráfico 3 - Nível de escolaridade dos informantes



Fonte: Autores (2026)

As atitudes determinam se um falante se esforça ou não para entender outra variante. Em Tete, os inquéritos revelam que o Cinyungwe é a língua de maior prestígio social na cidade. Falantes de Cisena e Cinyanja indicaram que aprendem Cinyungwe “com amigos” ou “no mercado” para evitar o isolamento social. Esta necessidade de convergência (Teoria da Acomodação) é o que sustenta a comunicação inter-variante.

Um dos resultados mais surpreendentes da investigação é que **100% dos inquiridos** admitem que a sua língua materna está a mudar. Não houve qualquer hesitação ou negação sobre este facto. Eles apontam como causa a falta de terminologia para novas tecnologias e a convivência diária com

falantes de outras variantes. O inquirido **NY07**⁸ reforça: “*Muitos termos de tecnologia não existem em Nyungwe, então usamos o português adaptado*”.

Na Tarefa de Produção Provocada, a análise dos inquiridos de Cisená (como o participante SN10⁹) revelou um padrão de baixa inteligibilidade activa em relação ao Cinyanja. Os inquiridos em Cisená mostraram-se incapazes de traduzir conceitos abstractos para o Cinyanja, recorrendo ao silêncio ou à repetição do termo em Cisená. Ao tentarem traduzir para Cinyungwe, a produção foi caracterizada como “arriscada”. Os falantes aplicam uma fonologia próxima do Cinyungwe a radicais do Cisená, resultando em hibridismos que nem sempre são inteligíveis para um nativo de Tete. Esta “tentativa e erro” prova que o Cisená está num patamar periférico no eixo de inteligibilidade da região.

Os substantivos representam a categoria de maior estabilidade nesta pesquisa. Como se observa na tabela abaixo, os itens que compõem o universo físico e natural apresentam uma identidade quase absoluta.

Quadro 1: Análise Lexical Comparativa - Nomes



Nº	Item (Português)	Cinyungwe (NY)	Cinyanja (NJ)	Cisená (SN)	Observação Técnica
1	Água	Madzi	Madzi	Madzi	Identidade: Radical bantu -dzi estável.
2	Sol	Dzuwa	Dzuwa	Dzuwa	Identidade: Conservação da africada /dz/.
3	Fogo	Moto	Moto	Moto	Identidade Total.
4	Lua	Mwezi	Mwezi	Mwezi	Identidade Total.
5	Mão	Dzanja	Dzanja	Djanja	Fonologia: Palatalização em SN (/nj/ -> /nj/).
6	Estrela	Nyenyenzi	Nyeredzi	Nyeredzi	Fonologia: NY troca /r/ por nasal palatal /ny/.

⁸ O código NY07 indica o sétimo inquirido para a língua Nyungwe.

⁹ O código SN10 indica o décimo inquirido para a língua Sena.

7	Fruta	Cisapo	Chipatso	Misapo ¹⁰	Variação Lexical e Morfológica: Ocorre alternância de lexemas entre as variantes. Escrita padrão de <i>Chipatso</i> : <i>Cipatso</i> .
8	Igreja	Gereja	Chalichi	Gereja	Empréstimo: NY/SN (Português) vs NJ (Inglês). Escrita padrão de <i>Chalichi</i> : <i>Tchalitchi</i> .
9	Céu	Kudzulu	Kumwamb a	Kudzulu	Divergência lexical em Cinyanja: Ocorre variação no lexema utilizado para a mesma referência espacial.
10	Pé	Mwendo	Phazi	Mwend o	Variação Lexical: NJ usa radical distinto.

Fonte: Autores (2026)

O Quadro 1 apresenta uma análise lexical comparativa de dez nomes em Português, Cinyungwe (NY), Cinyanja (NJ) e Cisena (SN), permitindo observar diferentes graus de proximidade, identidade e variação lexical e fonológica entre as três línguas bantu analisadas. De modo geral, os dados evidenciam uma considerável proximidade lexical entre Cinyungwe, Cinyanja e Cisena, sobretudo nos itens relacionados com *água*, *sol*, *fogo* e *lua*, nos quais se verificam formas idênticas ou estruturalmente muito próximas.

Nos itens água - *madzi*, sol - *dzuwa*, fogo - *moto* e lua - *mwezi*, observa-se uma elevada convergência lexical entre as três línguas. No caso de *madzi*, a manutenção do radical bantu -*dzi* constitui um indicador de continuidade histórica e de proximidade entre as variedades. Em *dzuwa*, destaca-se igualmente a conservação da africada /dz/, enquanto *moto* e *mwezi* apresentam identidade lexical nas três línguas. Estes dados sugerem a existência de um núcleo lexical comum, particularmente resistente à diferenciação entre as variedades linguísticas.

¹⁰ O termo *Misapo* foi registado na forma plural pela maioria dos informantes de Cisena, embora o termo correspondente no singular seja *Cisapo*, idêntico ao Cinyungwe e Cinyanja.

No item *mão*, verifica-se uma pequena diferença fonológica: Cinyungwe e Cinyanja apresentam *dzanja*, enquanto Cisená registra *djanja*. Embora a diferença seja reduzida, ela evidencia processos de variação fonológica na realização dos segmentos consonantais. No item *estrela*, observa-se maior diferenciação: Cinyungwe apresenta *nyenyezi*, ao passo que Cinyanja e Cisená apresentam *nyeredzi*. A diferença demonstra que, apesar da proximidade genética entre as línguas, determinados itens lexicais podem desenvolver formas distintas em função de processos fonológicos e históricos próprios.

O item *fruta* apresenta uma variação lexical mais expressiva. Cinyungwe registra *cisapo*, Cinyanja *chipatso* e Cisená *misapo*. Conforme a nota técnica, *misapo* foi registado na forma plural pela maioria dos informantes de Cisená, enquanto a forma singular correspondente é *cisapo*. Assim, este item evidencia não apenas variação lexical, mas também diferenças de natureza morfológica, particularmente na marcação de número.

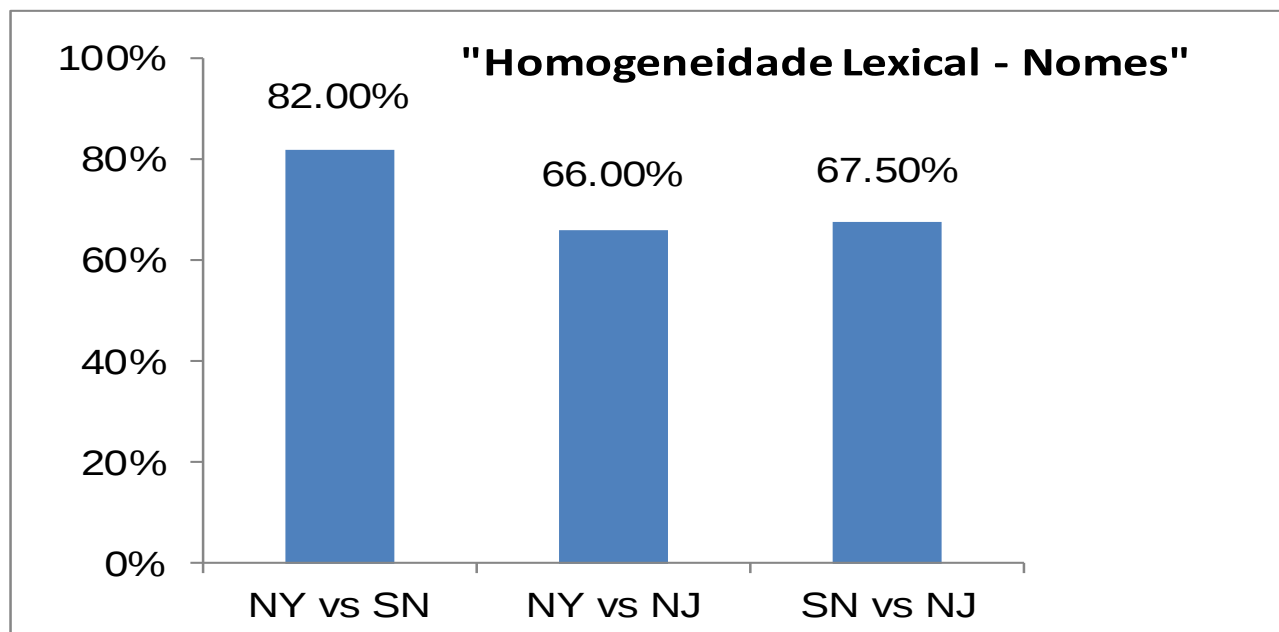
O vocábulo *igreja* constitui um caso relevante de empréstimo linguístico. Cinyungwe e Cisená apresentam *gereja*, enquanto Cinyanja apresenta *chalichi*. A diferença pode ser relacionada às diferentes fontes de contacto linguístico, nomeadamente à influência do Português nas primeiras formas e do Inglês na forma registada em Cinyanja. Este resultado demonstra que o contacto linguístico constitui um factor importante na configuração do léxico das línguas analisadas.

No item *céu*, Cinyungwe e Cisená apresentam *kudzulu*, enquanto Cinyanja apresenta *kumwamba*. Trata-se de uma divergência lexical significativa, uma vez que diferentes lexemas são utilizados para designar a mesma referência. Situação semelhante ocorre no item *pé*, em que Cinyungwe e Cisená apresentam *mwendo*, enquanto Cinyanja utiliza *phazi*. Estes dois casos revelam que a proximidade entre as línguas não implica necessariamente identidade lexical em todos os domínios semânticos.

Em termos gerais, o quadro permite identificar três tendências principais: (i) a existência de itens lexicalmente idênticos entre as três línguas; (ii) a ocorrência de variações fonológicas e morfológicas em palavras semanticamente equivalentes; e (iii) a presença de divergências lexicais e empréstimos resultantes de diferentes trajectórias de contacto linguístico. Assim, os dados confirmam uma elevada proximidade lexical entre

Cinyungwe, Cinyanja e Cisena, mas tamb3m revelam zonas de diferenciaa3o que podem estar associadas a processos de mudan3a lingui3tica, contacto de l3nguas e especificidades internas de cada variedade.

Gr3fico 5 - Homogeneidade Lexical em Nomes



Fonte: Autores (2026)

O 3ndice de similaridade lexical nesta categoria apresenta um cen3rio de inteligibilidade assim3trica. De acordo com os dados obtidos, a rela3o entre o Cinyungwe e o Cisena atingiu 82%, o que, segundo a escala de Casad (1987), configura uma Inteligibilidade Alta e uma forte homogeneidade lingui3tica. Em contraste, os pares Cinyungwe/Cinyanja (66%) e Cisena/Cinyanja (67,5%) situam-se no patamar da Inteligibilidade Parcial.

A an3lise qualitativa refor3a esta barreira parcial; o Participante NJ03¹¹ (19 anos) por exemplo, admite que "muitas palavras j3 n3o s3o bem Cinyanja", recorrendo a empr3stimos como *tchalitchi* (do ingl3s *church*) para designar igreja. Isto demonstra que, embora o eixo Cinyungwe-Cisena mantenha o mesmo termo, as tr3s l3nguas s3o perme3veis a influ3ncias externas. Consequentemente, torna-se necess3rio que os falantes ajustem o seu l3xico para garantir a efic3cia comunicativa devido 3s diverg3ncias com o Cinyanja.

¹¹ O c3digo NJ03 indica o terceiro inquirido para a l3ngua Nyanja.

É fundamental considerar que, nas línguas bantu em estudo (Cinyungwe, Cinyanja e Cisena), o adjectivo é morfologicamente dependente do nome que o modifica. Esta relação de concordância impõe que o adjectivo assumia prefixos que variam de acordo com a classe nominal do termo a que se refere. Adicionalmente, importa ressaltar que os vocábulos foram registados exactamente conforme a forma fornecida pelos falantes inquiridos. Por conseguinte, as variações observadas nos itens desta classe podem reflectir não apenas uma divergência lexical na raiz, mas também a adaptação morfossintática exigida pelo contexto de uso e pelo nome modificado em cada amostra.

Quadro 2: Análise Lexical Comparativa - Adjectivos

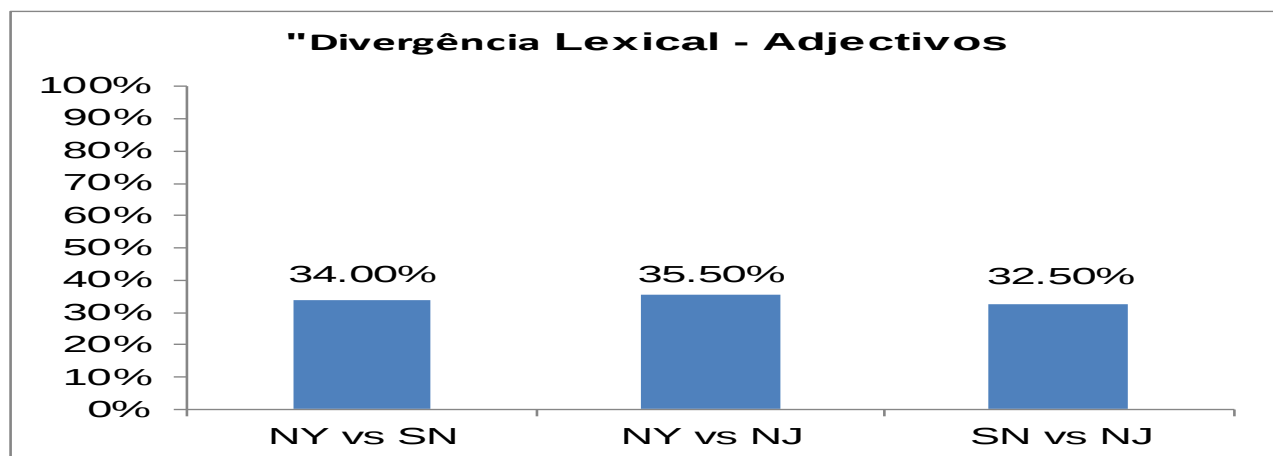
Nº	Item (Português)	Cinyungwe (NY)	Cinyanja (NJ)	Cisena (SN)	Observação Técnica
1	Grande	Cikulu	Cikulu	Ikulu	Identidade Total: Radical bantu - <i>kulu</i> preservado.
2	Jovem	Psaka	Wacinyamata	Mphale	Divergência Lexical. Termo padrão de <i>Wacinyamata</i> : <i>Nyamata</i> .
3	Bonito	Cakudekera	Okongola	Wadidi	Divergência Total: Três lexemas distintos.
4	Quente	Wakupsa	Cotentha	Akupisa	Fonologia: Proximidade NY (- psa) e SN (-pisa).
5	Estreito	Wakupapatiza	Lopapatiza	Akupsina	Identidade NY/NJ: Uso do mesmo radical causativo - <i>papatiza</i> .
6	Longo	Citali	Citali	Akulapha	Identidade NY/NJ. SN

					diverge.
7	Forte	Wakulimba	Colimba	Amphanvu	Identidade NY/NJ. SN usa radical distinto.
8	Novo	Upsa	Kwatsopano	Ipsa	Proximidade NY/SN.
9	Grosso	Wakunonpa	Cokhwima	Wakupakhula	Divergência Lexical: Ausência de radical comum.
10	Fino	Ntete	Lopyapyala	Wakuwonda	Divergência Total: Três formas lexicais distintas.

Fonte: Autores (2026)

O Quadro 2 apresenta a análise lexical comparativa de dez adjectivos em Cinyungwe, Cinyanja e Cisena, evidenciando diferentes níveis de convergência e divergência lexical entre as três línguas. Observa-se identidade lexical em *cikulu* (grande) entre Cinyungwe e Cinyanja, com preservação do radical bantu *-kulu*, enquanto Cisena apresenta *ikulu*. Verificam-se, igualmente, formas parcialmente próximas em *wakupsa/cotentha/akupisa* (quente) e *upsa/kwatsopano/ipsa* (novo), bem como a partilha de radicais entre Cinyungwe e Cinyanja em *wakupapatiza/lopapatiza* (estrito), *citali/citali* (longo) e *wakulimba/colimba* (forte). Em contrapartida, os itens jovem, bonito, grosso e fino apresentam maior divergência lexical, com formas distintas nas três línguas. De modo geral, os dados revelam uma combinação de conservação de radicais comuns, proximidade fonológica e diferenciação lexical, evidenciando que, embora Cinyungwe, Cinyanja e Cisena partilhem elementos estruturais e lexicais, cada língua apresenta também formas próprias, facto que pode influenciar os processos de transferência lexical e conceptual na aquisição do Português como L2.

Gráfico 6: Divergência Lexical nos Adjectivos



Fonte: Autores (2026)

Ao contrário da tendência observada nos nomes, os adjectivos apresentam um cenário de acentuada fragmentação e heterogeneidade lexical. Os dados estatísticos revelam índices de similaridade criticamente baixos, fixando-se em 34% para o par Cinyungwe/Cisena, 35,5% para Cinyungwe/Cinyanja e 32,5% para Cisena/Cinyanja. Esta redução drástica, situa a categoria no patamar de Inteligibilidade Baixa segundo os critérios de Casad (1987).

A divergência em itens fundamentais como “Bonito” (*Cakudekera* no Cinyungwe vs. *Wadidi* no Cisena) ilustra esta barreira comunicativa existente nesta classe de palavras, constituindo um autêntico ponto de sombra na inteligibilidade entre as variantes. Observou-se que a falta de correspondência directa no núcleo adjectival exige que os falantes negoceiem o significado ou ajustem o seu vocabulário, evidenciando uma distância semântica que pode dificultar a comunicação interdialetoal em contextos mais complexos.

No que concerne à categoria dos verbos, os dados estatísticos revelam uma clivagem importante na dinâmica comunicativa em Tete. Observa-se uma Inteligibilidade Alta entre o Cinyungwe e o Cisena, com um índice de 87% de similaridade, o que confirma uma forte homogeneidade estrutural nas acções e processos expressos por estas variantes. Por outro lado, a relação com o Cinyanja situa-se no patamar da Inteligibilidade Parcial, com 67% para Cinyungwe vs Cinyanja e 65,5% para Cisena vs Cinyanja.

Adicionalmente, na análise desta categoria, importa notar que, morfológicamente, os verbos nestas línguas se iniciam com o prefixo de infinitivo *ku-*. Durante a recolha de dados, verificou-se que todos os informantes mantiveram esta regra de forma consistente no fornecimento das amostras. Esta uniformidade no registo reflecte a estabilidade estrutural dos itens lexicais verbais entre as variantes, reforçando a homogeneidade observada nas análises estatísticas.

Quadro 3: Análise Lexical Comparativa - Verbos

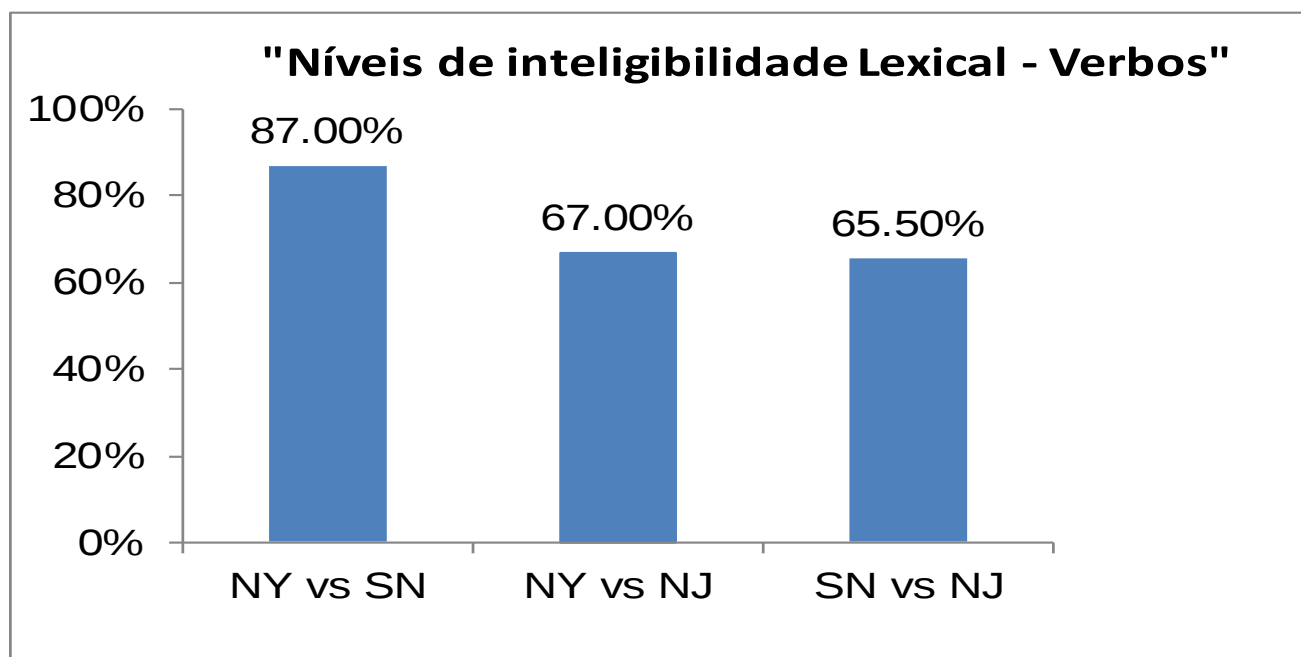
Nº	Item (Português)	Cinyungwe (NY)	Cinyanja (NJ)	Cisena (SN)	Observação Técnica
1	Comer	Kudya	Kudya	Kudya	Identidade Total: Radical <i>-dya</i> conservado em todas as variantes.
2	Correr	Kuthamanga	Kuthamanga	Kuthamanga	Identidade Total: Radical <i>-thamanga</i> conservado em todas as variantes.
3	Falar	Kulewa	Kulankhula	Kulonga	Divergência Total: Três lexemas distintos.
4	Dormir	Kugona	Kugona	Kugona	Identidade Total: Radical <i>-gona</i> sem variação fonética.
5	Beber	Kumwa	Kumwa	Kumwa	Identidade Total: Radical monossilábico <i>-mwa</i> preservado.
6	Acordar	Kulamuka	Kuudzuka	Kulamuka	Identidade NY/SN: Partilham o radical <i>-lamuka</i> . Escrita padrão de <i>Kuudzuka</i> : <i>Kudzuka</i> .
7	Andar	Kufamba	Kuyenda	Kufamba	Identidade NY/SN: Radical <i>-famba</i> . NJ diverge com <i>-yenda</i> .
8	Ouvir	Kubva	Kumva	Kubva	Identidade NY/SN: Conservação da fricativa labiodental /v/.
9	Ver	Kuwona	Kuwona	Kuwona	Identidade Total: Radical <i>-ona</i>

					comum 3s tr3s l3nguas.
10	Pensar	Kukumbuk a	Kuganiza	kunyerezer a	Diverg3ncia Total.

Fonte: Autores (2026)

O Quadro 3 apresenta a an3lise lexical comparativa de dez verbos em Cinyungwe, Cinyanja e Cisena, evidenciando um elevado grau de converg3ncia lexical entre as tr3s l3nguas em determinados itens. Observa-se identidade lexical total nos verbos *comer*, *correr*, *dormir*, *beber* e *ver*, nos quais se conservam radicais comuns, como *-dya*, *-thamanga*, *-gon*a, *-mwa* e *-ona*, respectivamente. Verifica-se ainda proximidade entre Cinyungwe e Cisena nos verbos acordar, andar e ouvir, enquanto Cinyanja apresenta formas distintas em alguns desses casos. Em contrapartida, os verbos *falar* e *pensar* revelam diverg3ncia lexical total, apresentando tr3s lexemas distintos nas l3nguas analisadas. De modo geral, os dados demonstram a coexist3ncia de conserva3o de radicais bantu, identidade lexical e diverg3ncia entre as l3nguas, evidenciando uma base lexical comum, mas tamb3m processos de diferencia3o lingui3stica que podem constituir importantes factores de transfer3ncia lexical e conceptual na aquisi3o do Portugu3s como L2.

Gr3fico 7: N3veis de inteligibilidade lexical nos verbos



Fonte: Autores (2026)

É precisamente nesta margem de variação que o “Risco na Produção” se torna evidente, especialmente no falante de Cisená ao interagir com as outras variantes. O Participante SN10 descreve este fenómeno: *“usamos muitas expressões que não existem lá na minha terra... às vezes misturo Sena com Português sem notar”*. Ao tentar produzir em Cinyungwe, este falante “arrisca” morfemas de uma língua sobre radicais de outra, resultando numa fala funcional, mas marcada por hibridismos. Este comportamento linguístico prova que, embora a base verbal bantu seja partilhada, a distância de cerca de 35% em relação ao Cinyanja cria lacunas que o falante tenta preencher através da acomodação e da mistura linguística para garantir a fluidez da comunicação.

A análise das frases simples revela que a estrutura SVO (Sujeito-Verbo-Objecto) é o elemento mais resiliente, funcionando como uma “âncora” gramatical. No entanto, os dados quantitativos mostram que a construção da frase é mais complexa do que a simples tradução de palavras. Os índices de homogeneidade estrutural situam-se em 70% para o par Cinyungwe/Cisená, configurando uma Inteligibilidade Parcial. Esta proximidade desce drasticamente quando comparamos o Cinyungwe com o Cinyanja (55%) e o Cisená com o Cinyanja (65%).

Quadro 4: Análise Comparativa - Frases Simples

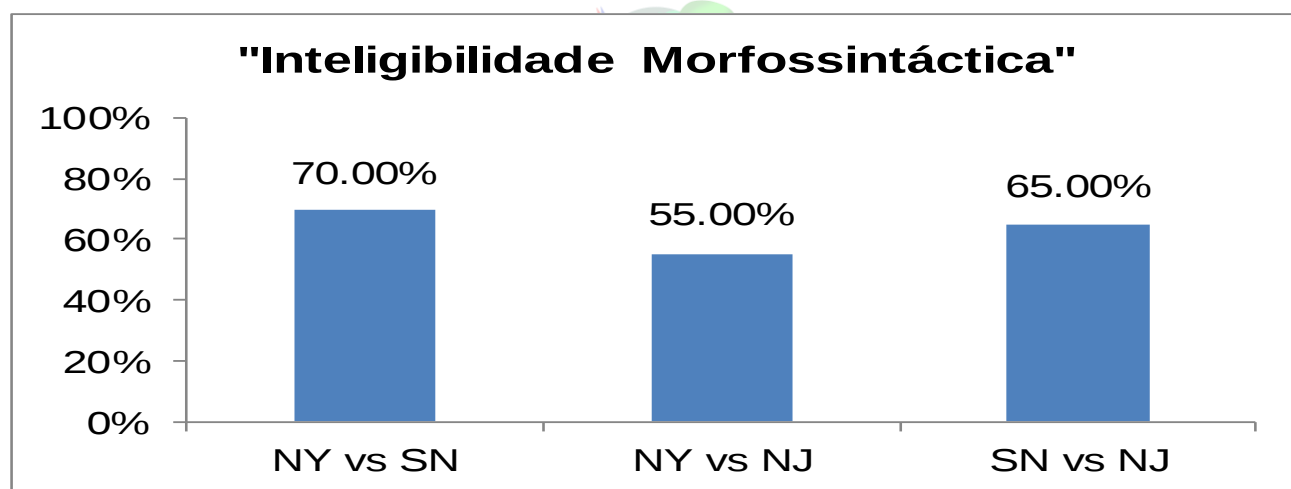
Nº	Frase (Português)	Cinyungwe (NY)	Cinyanja (NJ)	Cisená (SN)	Observação Técnica
1	Ele comeu.	Iye adadya	Iye adadya	Iye adadya	Identidade Total.
2	Eles falarão algo.	Iwo an'dzalewa cinthu	Iwo adzalankhula kanthu.	Iwo anadzalanga cinthu.	Morfossintaxe: NY/SN usam o marcador de futuro <i>-anadza-</i> e o objecto <i>cinthu</i> . NJ usa <i>-adza-</i> e <i>kanthu</i> .
3	Ela cozinhou o almoço.	Iye aphika cakudya ca masakati.	Iye adaphika chakudya cha masana.	Iye adapika cakudya ca masakati.	Fonologia: NJ e NY usam a aspirada /ph/. SN usa a oclusiva simples /p/ (<i>pika</i>).
4	As crianças foram para a escola.	Wana adaenda ku xikola.	Ana apita ku sukulu.	Wana adaenda ku xikola.	Ortografia/Empréstimo: NY/SN usam <i>xikola</i> (do Português escola). NJ usa <i>sukulu</i> (do Inglês school).
5	Eu fui ao mercado.	Ine ndaenda ku nsika	Ine ndapita ku nsika	Ine ndaenda ku nsika	Estrutura idêntica. Variação no verbo.
6	A menina brincou.	Mtsikana asenzeka	Mtsikana adasewera	Mtsikana adasewera	Identidade NJ/SN. NY diverge no léxico.

Fonte: Autores (2026)

Cumpre-nos ressaltar que, embora a maioria dos informantes tenha utilizado o morfema de passado (-*da-*), registou-se uma variação nas respostas de alguns falantes, que optaram pela forma sem o marcador (ex: *Iye aphika* em Cinyungwe ou *Ana apita* em Cinyanja). Em contextos de variação dialetal e bilinguismo, os falantes podem neutralizar a oposição de tempo ou utilizar o presente com valor de passado próximo, o que constitui um dado relevante sobre a flexibilidade da comunicação interdialetoal em Tete.

O objectivo da pesquisa não foi impor uma tradução literal ao informante, mas sim registar como o falante nativo expressa a ideia da frase em português. A variação observada, onde alguns informantes usaram o marcador -*da-* e outros usaram o radical sem o marcador, é um dado empírico que reflecte a fluidez no uso dos tempos verbais na região. Longe de ser um erro de tradução, este fenómeno ilustra a permeabilidade entre o presente e o passado nas variantes quando o contexto comunicativo já está estabelecido.

Gráfico 8 - Barras de Similaridade nas Frases



Fonte: Autores (2026)

A observação detalhada das frases da amostra permite compreender por que a similaridade estrutural oscila entre os 55% e os 70%. A análise revela que a inteligibilidade na cidade de Tete é sustentada por quatro fenómenos morfo-sintáticos distintos:

Nas frases curtas de acção, como "Ele comeu" (*Iye adadya*), observa-se uma identidade total entre as três variantes. O prefixo de concordância pessoal (*a-*) e o radical verbal (*-dy-*) seguida da Vogal Final (*-a*) permanecem

inalterados. Este é o ponto de maior homogeneidade, onde a descodificação é instantânea e não exige esforço de acomodação.

Em construções mais complexas, como “As crianças foram para a escola”, a estrutura Sujeito-Verbo-Objecto permanece intacta, funcionando como uma âncora gramatical. A variação observada entre *wana* (Cinyungwe e Cisená) e *ana* (Cinyanja) não representa uma lacuna de vocabulário, mas sim uma variação na aplicação do prefixo da classe nominal, típica deste contínuo dialetal. Quanto aos verbos, embora os radicais *-end-* e *-pit-* existam no repertório das línguas em estudo, a preferência pelo uso de um em detrimento do outro nas diferentes amostras reflecte escolhas de frequência e preferência lexical inerentes a cada variante, o que justifica a descida no índice de similaridade quantitativa para 55% (Cinyungwe vs Cinyanja). Nestes casos, a inteligibilidade interdialeto é assegurada pelo contexto pragmático e pela preposição locativa *ku*, cuja função estrutural e semântica é comum a todas as variantes.

A frase “Eles falarão algo” ilustra perfeitamente como os falantes lidam com a fragmentação lexical através da acomodação linguística. Observa-se que: em Cinyungwe, utiliza-se a forma *Iwo an'dzalewa cinthu*; em Cinyanja, usa-se *Iwo adzalankhula kanthu*; e em Cisená, a expressão correspondente é *Iwo anadzalanga cinthu*.

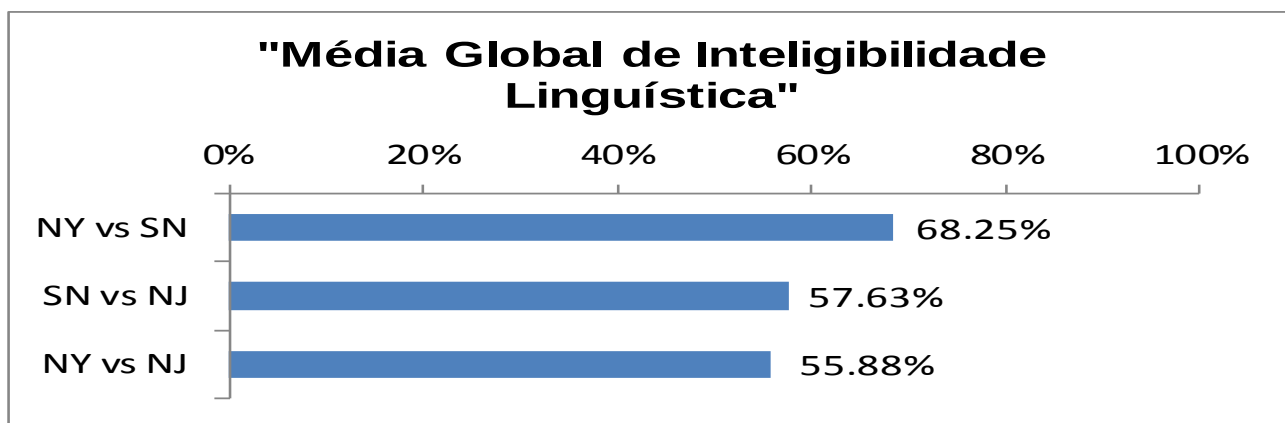
Quando um falante de Cinyanja em Tete utiliza o verbo *adzalankhula* e percebe que não é compreendido devido à divergência de raízes lexicais, ele recorre à estratégia de compensação, substituindo o radical ou adaptando-o para manter a interactividade da conversa. Este hibridismo, caracterizado pelo uso de radicais de uma variante combinados com a estrutura sintáctica partilhada e o quadro de concordância, é o que permite que a comunicação não seja interrompida, mesmo quando a homogeneidade puramente lexical entre as variantes desce para níveis próximos de 55%.

A frase “Ela cozinhou o almoço” exemplifica como pequenas variações fonéticas e lexicais influenciam a percepção de similaridade. Observam-se os seguintes dados:

- **Cinyungwe:** “*Iye aphika cakudya ca masikati*”
- **Cisená:** “*Iye adapika cakudya ca masikati*”
- **Cinyanja:** “*Iye adaphika chakudya cha masana*”

A raiz verbal *-phik-* (cozinhar) é um radical bantu comum, mas sofre uma variação fonética entre o Cinyungwe/Cinyanja *[ph]*, e o Cisena *[p]*. Além disso, a mudança do termo para “almoço/tarde” de *masikati* (Cinyungwe/Cisena) para *masana* (Cinyanja) é um exemplo claro de como a similaridade léxica desce para os 65%. Embora a estrutura da frase seja idêntica, estas pequenas divergências fonéticas e a troca de uma palavra-chave (*masana*) criam a necessidade de uma “audição treinada” para que a inteligibilidade seja plena permitindo que a comunicação flua oralmente mesmo com falhas lexicais, mas é aqui que surge o Paradoxo “Fala vs. Escrita”¹². Embora os índices na casa dos 60-70% permitam a compreensão oral, a similaridade “desmorona” perante o papel. Os inquéritos mostram que falantes com a 12^a classe (como NJ03 e SN10) dominam a sintaxe oral, mas a insegurança ortográfica e a distância estrutural (especialmente os 55% de similaridade entre Cinyungwe e Cinyanja) fazem com que os informantes prefiram a grafia portuguesa ou desistam da tarefa escrita. Isto prova que a homogeneidade nestas línguas é mais profunda na oralidade, enquanto a inteligibilidade em Tete revela-se um fenómeno puramente fonético e pragmático, que se perde quando submetido ao rigor da norma escrita. Ao consolidar as médias das quatro categorias analisadas (Substantivos, Verbos, Adjectivos e Morfossintaxe), o gráfico final revela a hierarquia da inteligibilidade e o grau de homogeneidade entre as variantes.

Gráfico 9 - Média Global de Inteligibilidade Linguística



Fonte: Autores (2026)

¹² O Paradoxo “Fala vs. Escrita” refere-se à assimetria em que falantes com nível secundário e superior apresentam fluência e inteligibilidade na comunicação oral em línguas bantu, mas enfrentam bloqueio ou insegurança ortográfica na representação escrita devido ao ensino formal em Língua Portuguesa.

Os dados confirmam que a proximidade linguística não é uniforme entre os pares estudados. O par Cinyungwe vs. Cisená (NY vs SN) apresenta a média mais elevada, com 68,25% de convergência. Segundo os critérios de Casad (1987) definidos na metodologia, este valor situa o eixo NY-SN no patamar de Inteligibilidade Parcial. Em contraste, as relações com o Cinyanja revelam uma maior distância linguística: 57,63% para Cisená vs. Cinyanja (SN vs NJ) e 55,88% para Cinyungwe vs. Cinyanja (NY vs NJ). Estes valores, situando-se abaixo do limiar de 60%, indicam uma Inteligibilidade Baixa. Estes resultados explicam por que os falantes de Cisená e de Cinyanja fazem um esforço maior de acomodação para o Cinyungwe (língua de prestígio local) do que o inverso.

A influência dos factores geográficos na homogeneidade linguística observada entre o Cinyungwe, o Cinyanja e o Cisená materializa-se pela contiguidade territorial das comunidades na província de Tete. A convivência espacial num centro urbano de convergência como a cidade de Tete, aliada à partilha de vivências e às necessidades de interação quotidiana, funciona como um catalisador de convergência.

Embora os dados quantitativos revelem uma inteligibilidade assimétrica, em que o par Cinyungwe e Cisená apresenta maior proximidade face ao Cinyanja, o factor geográfico actua atenuando as distâncias estruturais. A contiguidade física dos falantes no espaço urbano inibe o isolamento das variantes e estimula o fenómeno de *koineização*. Desse modo, o espaço geográfico partilhado facilita a acomodação mútua e a utilização de estratégias de compensação lexical, garantindo a vitalidade e a inteligibilidade interdialetoal na região. A queda das médias globais para patamares próximos de 55% justifica o recurso frequente a línguas externas. O Português e o Inglês não funcionam apenas como línguas segundas, mas como componentes integrantes do novo léxico bantu local. São ferramentas essenciais para preencher as “zonas de sombra¹³” onde a similaridade mútua falha,

¹³ No contexto sociolinguístico da inteligibilidade interdialetoal, o termo “zonas de sombra” refere-se aos domínios lexicais, sintáticos ou semânticos em que a similaridade entre as variantes desce a níveis críticos (como observado na classe dos adjectivos e em conceitos abstratos), gerando lacunas de compreensão imediata ou bloqueios comunicativos entre os falantes (Casad, 1987; Chambers & Trudgill, 2004).

especialmente em categorias mais abstratas como os adjetivos ou termos novos.

As evidências colhidas junto da camada jovem (19-35 anos), representada por inquiridos como NY07 e NJ03, apontam para um consenso: as línguas moçambicanas locais estão a tornar-se sistemas cada vez mais permeáveis. A afirmação recorrente de que “muitos termos técnicos não existem” nas línguas maternas indica que o hibridismo com o Português e o Inglês deixou de ser um fenómeno periférico para se tornar uma estratégia de sobrevivência comunicativa.

A análise dos dados revela que o futuro das línguas em Tete não caminha para o isolamento, mas para a consolidação de uma norma urbana profundamente híbrida. Este fenómeno manifesta-se em duas dimensões complementares que reconfiguram a forma como os falantes interagem:

(i) **Hibridismo Interno (Interdialetal):** Observa-se uma diluição das fronteiras entre o Cinyungwe, o Cinyanja e o Cisena. A convivência diária na Cidade de Tete força os falantes a uma “ponte linguística”, onde termos de uma variante são absorvidos por outra para garantir a fluidez da conversa. Os dados da Tarefa de Produção Provocada mostram que inquiridos como NJ03 e SN10 admitem que já não utilizam as suas línguas de forma “pura”, incorporando léxico e fonologia do Cinyungwe (reconhecida como a variante de maior prestígio local) para serem compreendidos. Um exemplo concreto desta dinâmica ocorre na aplicação de estratégias de “risco na produção” (relatadas por informantes de Cisena como SN10), em que o falante combina radicais verbais ou nominais de uma variante bantu com afixos e padrões fonéticos de outra (como na alternância entre os radicais *-famba* e *-yenda* para o verbo “andar”, ou *-lamuka* e *-udzuka* para “acordar”), criando construções híbridas intervarietais que preenchem lacunas de inteligibilidade no momento da fala.

(ii) **Hibridismo Externo (Influência Global):** Paralelamente, a pressão das línguas oficiais e de escolarização (Português e Inglês) actua na expansão do léxico. Os resultados empíricos descritos na Análise da Inteligibilidade Morfossintáctica: O Paradoxo “Fala vs. Escrita”, demonstram que a inexistência de alguns termos nativos para conceitos modernos obriga ao uso do “português adaptado” e de termos do inglês com a morfologia

bantu. Por exemplo, no teste de aplicação da frase “As crianças foram para a escola”, registou-se a utilização de *Xikola* (Cinyungwe e Cisená) e *Sukulu* (Cinyanja), associados ao morfema locativo bantu *ku-*. Este hibridismo não é visto pelos falantes como uma degradação, mas como uma evolução necessária para que a língua materna continue funcional.

A nível teórico, a emergência desta norma urbana híbrida na Cidade de Tete pode ser compreendida através do conceito de *koineização*¹⁴. No contexto desta pesquisa, este processo é impulsionado pela Teoria da Acomodação Linguística de Giles (1973), que postula que os falantes de Cisená e Cinyanja tendem a convergir a sua fala em direcção ao Cinyungwe (variante de prestígio local) para aumentar a eficácia comunicativa na cidade.

Este hibridismo interdialetoal cria o que Mufwene (2001) denomina como “ecologia linguística urbana”, onde a selecção de traços linguísticos é determinada pela necessidade pragmática. Assim, a *Koiné* de Tete não representa uma degradação, mas uma evolução funcional. Como observa Calvet (2002), a cidade actua como um “cadinho”¹⁵ onde as diferenças dialetais se esbatem em favor de uma identidade linguística citadina comum.

Sob óptica de Labov, observa-se uma mudança em curso onde o “empréstimo adaptado” é a solução para preencher lacunas lexicais. O futuro aponta para a normalização deste léxico misto, onde a “pureza” da língua é sacrificada em prol da funcionalidade urbana. Os testemunhos recolhidos no trabalho de campo (por exemplo, o depoimento do inquirido SN10, que relata o uso constante de expressões mistas no quotidiano urbano) reforçam empiricamente que a vitalidade destas variantes depende da sua capacidade de absorver o novo sem desintegrar a estrutura bantu.

A análise dos participantes, como o caso do Participante SN10 (29 anos), introduz uma nuance importante: a sobrevivência da língua através da sua “modernização”. O sentimento de que o Cisená ou o Cinyungwe “vão durar

¹⁴ Segundo Siegel (1985), uma *koiné* é uma variante que surge do contacto entre falantes de variedades mutuamente inteligíveis, resultando em simplificação e mistura de traços.

¹⁵ O conceito sociolinguístico de “cadinho” refere-se ao espaço urbano denso e heterogéneo que funciona como um recipiente de fusão cultural e linguística. Neste ambiente, as variantes dialectais trazidas por falantes de diferentes origens entram em contacto constante, sofrendo processos de nivelamento, simplificação e hibridização que dão origem a uma nova identidade linguística comum (Calvet, 2002; Siegel, 1985).

porque a família é grande” sugere que a transmissão intergeracional continua activa, mas o conteúdo léxico está a ser filtrado.

Espera-se que, no futuro, a similaridade morfossintáctica (a estrutura bantu) permaneça estável, como provado pelos testes de frases, actuando como o esqueleto que sustenta um vocabulário cada vez mais internacionalizado. A língua do futuro em Tete será, previsivelmente, uma variante bantu de base gramatical conservadora, mas de léxico cosmopolita.

Os dados colhidos no trabalho de campo apontam para uma relação de inteligibilidade assimétrica, onde o Cinyungwe assume um papel de maior prestígio e integração no contexto urbano da Cidade de Tete. A análise dos inquéritos sobre o perfil sociolinguístico revela que os falantes de Cinyanja e Cisena tendem a convergir para o Cinyungwe para facilitar a comunicação e garantir a inteligibilidade mútua no quotidiano.

Durante a Tarefa de Produção Provocada, observou-se que os falantes de outras variantes tendem a incorporar o vocabulário da língua mais prestigiada para assegurar a sua compreensão. Por exemplo, na categoria de nomes, a similaridade entre o Cinyungwe e o Cisena atinge 82%, o que demonstra uma forte homogeneidade e facilita a acomodação linguística. Embora existam divergências lexicais como nos adjetivos, cujos índices de similaridade caem para 34% entre o Cinyungwe e o Cisena, a inteligibilidade oral é preservada devido à estabilidade da estrutura sintáctica. Os dados demonstram que a base morfossintáctica (como a estrutura Sujeito-Verbo-Objecto) permanece intacta e funciona como uma âncora gramatical nas interações. Os resultados confirmam que o futuro das línguas não aponta para o desaparecimento das variantes, mas para o surgimento de um sistema onde o Cinyungwe actua como polo de convergência, sem anular a identidade estrutural das outras variantes.

De acordo com a escala de Casad (1987), o par Cinyungwe vs. Cisena apresenta uma média global de convergência de 68,25%, o que o situa no patamar de Inteligibilidade Parcial. Este nível de inteligibilidade é suficiente para manter a comunicação interdialetoal fluida no espaço urbano. A vitalidade do sistema reside, assim, na capacidade de os falantes recorrerem a estratégias pragmáticas, permitindo que a hierarquia de prestígio do

Cinyungwe conviva de forma dinâmica com a diversidade das demais variantes locais.

Conclusão

A presente pesquisa propôs-se a analisar o grau de homogeneidade e inteligibilidade entre o Cinyungwe, o Cinyanja e o Cisena na Cidade de Tete, analisando as suas implicações para a variação e o contacto linguístico. Após a triangulação dos dados, a investigação identificou que as semelhanças estruturais residem, sobretudo, na morfossintaxe e no léxico básico (substantivos), com índices superiores a 80%. A manutenção da estrutura SVO e das classes nominais típicas do grupo Bantu evidencia uma origem comum resiliente, que sustenta a base da comunicação.

As variantes individualizam-se através de divergências no léxico abstrato (adjectivos e verbos complexos), onde a similaridade desce para níveis próximos aos 55%. Identificou-se que a fonética e as escolhas lexicais específicas funcionam como marcadores de autonomia, criando o que se denomina de “fronteiras de identidade” entre os sistemas.

Concluiu-se que o espaço urbano de Tete actua como um catalisador de convergência linguística. A necessidade de interação quotidiana força os falantes a adoptar uma norma interdialeto, onde o Cinyungwe emerge como o “nó de ligação” para o qual as outras variantes convergem para garantir a fluidez comunicativa.

Embora a proximidade genética resulte numa alta inteligibilidade, esta não é simétrica nem total. A homogeneidade é mais forte na estrutura gramatical do que no léxico, provando que a inteligibilidade depende mais da estabilidade sintática do que da igualdade fonológica. As barreiras de inteligibilidade surgem efectivamente em categorias gramaticais específicas e são acentuadas pela barreira da escrita e da literacia, onde o colapso da compreensão é visível devido ao desconhecimento da padronização ortográfica. Tal gera uma insegurança linguística que leva ao recurso da grafia do Português e do Inglês. O estudo demonstra que a variação diacrónica e a inteligibilidade sincrónica coexistem. O hibridismo detectado prova que o sistema linguístico de Tete está em constante negociação,

tratando a variação não como um erro, mas como uma funcionalidade pragmática.

Bibliografia

- Calvet, L. (2002). *A Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Casad, E. H. (1987). *Dialect Intelligibility Testing*. Summer Institute of Linguistics (SIL) University of Texas at Arlington.
- Chambers J. K. & Trudgill, P. (2004). *Dialectology*. (2ª ed.). United Kingdom: Cambridge University Press.
- Crystal, D. (2008). *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. (6ª ed.). EUA: Blackwell Publishing.
- Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (2005). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. (18ª ed.). Portugal: João Sá da Costa.
- Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (2017). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Lexicon.
- Faria, I. H., Pedro, E. R., Duarte, I., & Gouveia, C. A. M. (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. (2ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- Giles, H. (1973). *Accent mobility: A model of social evaluation*. Anthropological Linguistics.
- Labov, W. *Sociolinguistic Patterns*. (1972). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos*. (Tradução Bagno, M., Scherre, M. M. P. Cardoso, C. R.). São Paulo: Parábola Editorial.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. & Faria, I. H. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. (5ª ed.). Lisboa: Caminho Lisboa.
- Mufwene, S. (2001). *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge University Press.
- Ngunga, A. (2014). *Introdução à Linguística Bantu*. (Universidade Eduardo Mondlane). Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, A., Manuel, C., Langa, D., Machungo, I & Câmara, C. L. da. (2021). *Relatório do IV Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Maputo: Editores.

Saussure, F. de. (2006). *Curso de Linguística Geral*. (27ª ed.). (Organizado por Bally, C., Sechehaye, A., com a colaboração de Riedlinger, A., tradução de Chelini, A., Paes, J. P., Blikstein, I.). São Paulo: Cultrix.

Siegel, J. (1985). *Koine formation*. Anthropological Linguistics.

Swadesh, Morris. (1952). *Proceedings of the American Philosophical Society*. (Lexico-statistic dating of prehistoric ethnic contacts: with special reference to North American Indians). Vol. 96.

Swadesh, Morris. (1955). *International Journal of American Linguistics*. (Towards greater accuracy in lexico-statistic dating). Vol. 21.

Weinreich, U. (1953). *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York.

Recebido em: 03/2026

Aceito em: 30/07/2026



Para citar este texto (ABNT): ANTÓNIO, Amarildo Roberto Luís António; ALFREDO, Rufino. Inteligibilidade ou homogeneidade linguística entre cinyungwe, cinyanja e cisena: uma análise sincrónica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 4, p.336-367, jun./dez. 2025

To cite this text (APA): António, Amarildo Roberto Luís; Alfredo, Rufino. (jun/dez.2026). Inteligibilidade ou homogeneidade linguística entre cinyungwe, cinyanja e cisena: uma análise sincrónica. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (4): 336-367.